

Marcus De Martini  
Isabel Scremin da Silva

## **AS FLORES E OS FRUTOS DA HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO**

### **RESUMO**

Este trabalho pretende inserir-se na discussão à volta do gênero da *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682), do jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724), considerando, na medida do possível, os parâmetros teológico-políticos e retórico-poéticos que engendram a invenção, disposição e elocução da obra. A fim de se entender por que Gusmão a considera uma história e uma parábola, procurar-se-á realizar um excuroso acerca dos dois sentidos da alegoria, i.e., como tropo e como método de interpretação. Acredita-se que a obra em questão alie o ornamento e a tradição exegética aos dois principais objetivos retóricos, *prodesse* e *delectare*.

**Palavras-chave:** *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*. Alexandre de Gusmão. Alegoria.

## FLOWERS AND FRUITS OF *THE STORY OF THE PREDESTINED PILGRIM AND HIS BROTHER REPROBATE*

### ABSTRACT

This article aims at discussing the genre of Alexandre de Gusmao's *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682) [*The Story of the Predestined Pilgrim and his brother Reprobate*], considering the theological-political and rhetorical-poetical parameters which model its invention, disposition and elocution. In order to understand why Gusmao (1629-1724) considered it a work of history or a parable, we intend to analyze the two senses of allegory, that is, as a trope and as a method of interpretation. We believe that Gusmao's *História* allies ornament and exegetical tradition to the two main objectives of Rhetoric: *prodesse* and *delectare*.

**Keywords:** *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*. Alexandre de Gusmao. Allegory.

## LAS FLORES Y LOS FRUTOS DE *HISTORIA DE PREDESTINADO PEREGRINO E SU HERMANO PRECITO*

### RESUMEN

Este trabajo pretende implantarse en la discusión que alude al género en *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682) [*Historia de Predestinado Peregrino y su hermano Precito*], del jesuita Alejandro de Guzmán (1629-1724). Considerando, en la medida de lo posible, los parámetros teológico-políticos y retórico-poéticos en donde se engendran la invención, disposición y elocución de la obra. Todo esto, con el fin de entender el motivo por el cual Guzmán la considera una historia y una parábola, se buscará realizar un excursus de los dos sentidos de la alegoría, o sea, como tropo y como método de interpretación. Se cree que la obra en cuestión asocie el ornamento y la tradición exegética a los dos principales objetivos retóricos, *prodesse* y *delectare*.

**Palabras claves:** *Historia de Predestinado Peregrino y su hermano Precito*. Alejandro de Guzmán. Alegoría.

## AS ENCRUZILHADAS À VOLTA DO GÊNERO DA HISTÓRIA DO PREDESTINADO PEREGRINO E SEU IRMÃO PRECITO

“Insigne orador”, “mestre jubilado”, “escritor dou-tíssimo”, “epílogo de todas as virtudes espirituais e morais”. Tais são algumas das atribuições, em conformidade com as hipérboles do elogio, feitas por Nuno Marques Pereira (1652-1728), no *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728), ao jesuíta Alexandre de Gusmão (1629-1724). Louvores retóricos à parte, Gusmão, de fato, desempenhou funções importantes na América Portuguesa, inclusive ocupando o cargo de provincial da Companhia de Jesus por dois governos. Contudo, se seu nome ainda ressoa, mesmo de forma remota, nos dias de hoje, deve-se a dois “pioneirismos”: a fundação do Seminário de Belém da Cachoeira, primeiro internato da América Portuguesa, e a produção da “primeira novela escrita no Brasil” (MOISÉS, 1990, p. 222), a *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito* (1682).

O fato de grande parcela da crítica posterior ao jesuíta atribuir o gênero “novela” à *História do Predestinado* – em especial com o atrativo de ser “a primeira escrita no Brasil” – parece ser um dos únicos laços, embora frouxos, que costumam ligar o jesuíta à historiografia da Literatura Brasileira. Na contramão de pequenos verbetes e de meras menções, estão os estudos de Massimi (2012), responsável por uma edição atualizada da obra, bem como algumas dissertações e teses defendidas recentemente. Todavia, o percurso ainda oferece encruzilhadas, cabendo a este trabalho ressaltar algumas delas, especialmente no tocante ao gênero, a partir de uma abordagem que privilegie os prováveis parâmetros teológico-políticos e retórico-poéticos vigentes à época de composição.

Antes, vale ressaltar que a produção de Gusmão não se restringiu somente à *História do Predestinado*. Sua primeira obra data de 1678, *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio*, em que o jesuíta, a partir do nascimento de Cristo na lapinha de Belém, desenvolve lições correspondentes às três vias do caminho espiritual: a purgativa, a iluminativa e a unitiva. Em 1685, três anos após

a primeira tiragem da *História do Predestinado*, imprime-se a *Arte de criar bem os filhos na idade da puerícia*, cujos preceitos acerca da boa criação das crianças voltam-se a pais e mestres, frisando a importância de um ensino conforme ao catolicismo e necessário à manutenção do corpo teológico-político do Estado. Em 1686, há um sermão pregado na Catedral da Bahia, em homenagem a Frei João da Madre de Deus, devido às suas exéquias. Após a morte de Gusmão, ainda é publicada, em 1734, *O Corvo e a Pomba na Arca de Noé no sentido alegórico e moral*, em que se exploram o corvo e a pomba do *Gênesis* como figuras, entre tantas outras, de Judas e dos demais Apóstolos, do pecador e da alma virtuosa, de Precito e de Predestinado. Também em 1734, tem-se a *Árvore da vida, Jesus crucificado*, dividida entre as raízes, o tronco, os ramos, as folhas, as flores e os frutos da morte e paixão de Cristo. Além dessas, podemos mencionar as obras às quais ainda não tivemos acesso: *Menino Cristão*, de 1695; *Maria Rosa de Nazaré nas montanhas de Hebron, a Virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesus*, de 1715; *Eleição entre o bem e o mal eterno*, de 1720.

A *História do Predestinado* participa da atuação de Alexandre de Gusmão enquanto parte importante do corpo místico da Igreja na América Portuguesa em plena Contrarreforma. Destaca-se por ser a única obra dita “ficcional” do jesuíta e aliar os dois principais objetivos horacianos de proveito (*prodesse*) e deleite (*delectare*) da audiência, em contrapartida a seus manuais e tratados puramente didáticos, endereçados na sua maioria a um público-alvo algo familiarizado com a doutrina católica.

Por sua vez, a *História do Predestinado* foi composta a partir do ângulo de visualização (*ut pictura poesis*) de uma audiência iniciante na leitura e nos dogmas cristãos, possivelmente os próprios alunos de Gusmão, e, para isso, destinava-se tanto à leitura quanto à escuta “por parte de quem, não possuindo a instrução para ler e para escrever, poderia ouvir a narrativa por boca de leitores mais cultos” (MASSIMI, 2012, p. 19). Tudo conforme a *Ratio Studiorum*, conjunto sistematizado de normas e de práticas do ensino jesuítico, em que se firma a posição católica (teológico-política) seiscentista

de combate às heresias, de manutenção da hierarquia do corpo místico e de valorização das ações do fiel (HANSEN, 2001).

A obra centra-se nos caminhos de dois irmãos, Predestinado e Precito, que, em conformidade com os tipos do virtuoso e do vicioso, seguem caminhos paralelos, mas contrários. Na tentativa de sintetizar a obra, poderíamos resumi-la de acordo com as seis etapas de suas trajetórias, marcadas pelos lugares por onde Predestinado e Precito passam e por seus governadores. Na primeira, os irmãos saem do Egito (isto é, do mundo) com suas famílias – Predestinado com sua mulher, Razão, e seus filhos, Bom Desejo e Reta Intenção; Precito com Própria Vontade, Mau Desejo e Torta Intenção. Passando pelo Vale de Lágrimas e pelo Vale da Ocasão, Predestinado, guiado por Anjo Bom, e Precito, guiado por Anjo Mau, seguem respectivamente para Jerusalém, o Céu, e para Babilônia, o Inferno. A primeira parada de Precito é a Cidade de Bethaven ou Casa de Vaidade, governada por Engano e Mentira; enquanto isso, Predestinado conhece Belém ou Cidade do Desengano, onde governam Desengano e Verdade e onde fica a lapinha de Belém. Na segunda etapa, Precito chega a Samaria, governada por Vício e Profanidade; por seu turno, Predestinado hospeda-se em Nazaré, sob domínio de Culto Divino e Religião, e conhece os sete chafarizes da cidade, equivalentes aos sete mandamentos.

Seguindo, Precito parte para Bethoron ou Casa da Liberdade, cujos governadores são Appetite e Fantasia; em contrapartida, Predestinado para em Bethânia, governada por Preceito e Obediência, onde está o Palácio do Decálogo com os dez mandamentos. A quarta etapa de Precito é em Éden ou Cidade do Deleite, onde governam Regalo e Delícia; Predestinado, todavia, segue para Cafarnaum, governada por Rigor Santo e Penitência Justa, onde se assistem aos passos da paixão de Cristo. Na quinta parte, Precito está em Babel ou Cidade da Confusão, governada por Pecado e Maldade; por outro lado, Predestinado fica em Bethel, cujo governo está nas mãos da Caridade, com quem o peregrino se une amorosamente. Na sexta e última etapa, Precito entra nos tormentos da Babilônia, arrependendo-se amargamente de não ter seguido os passos de

Predestinado; este, porém, limpa-se no Purgatório e é admitido em Jerusalém, tendo recompensados seus sofrimentos terrestres com os gozos do céu.

Predestinado e Precito imitam a totalidade dos seres humanos, conforme as lições de Santo Agostinho, contrapostos entre peregrinos e desterrados: ou seja, enquanto estes vivem para os prazeres terrestres, aqueles caminham à Jerusalém celeste, tida por verdadeira pátria. Os caminhos da salvação e da condenação adquirem, na *História do Predestinado*, seis etapas, divididas, em média, em dez capítulos; destes, somente um sempre se refere a Precito. Daí ser a trajetória do réprobo sumarizada, reduzida a menções gerais dos habitantes e dos governadores das cidades por onde passa, servindo, sobretudo, para incutir horror àqueles que se identificassem com seu caminho monstruoso e amorfo. Muito diferente, contudo, da trajetória de Predestinado, ordenada por formas, cores, vozes e écfrases de palácios, quadros, jardins, chafarizes – sintetizando-se tudo ao fim de cada etapa por ditames, espécies de apotegmas, máximas que despem os ornamentos dos ensinamentos morais. Vale lembrar que coleções de apotegmas eram muito comuns no medievo (CURTIUS, 1996) e podem ter servido de modelo para a invenção de Gusmão, haja vista o tributo da *Ratio Studiorum* à tradição medieval.

Apesar de a *História do Predestinado* ser a obra mais estudada do jesuíta, alguns aspectos ainda se nos apresentam lacunares; entre eles, seu gênero. Em outro artigo (DE MARTINI, 2019), empreendemos essa discussão, questionando a designação de “novela alegórica” que lhe é atribuída por grande parcela da crítica atual. Acreditamos que a classificação gire em torno do esforço de agrupar obras coevas sob a égide de uma mesma nomenclatura, o que facilitaria o manejo e até o interesse à leitura de produções seiscentistas e setecentistas. Parece ser esta a principal justificativa de Augusto (2010), Moreira (2006) e Santos (2004), por exemplo, embora admitam a possibilidade de questionamento. Desconfiamos de que a generalização possa obnubilar algumas características importantes da *História do Predestinado* e do período em que foi composta. Afinal, no título, no subtítulo e nos paratextos da obra, Gusmão afirma tratar-se de uma “parábola” e de uma

“história”. Ademais, alheias seriam à mimese genérica de Predestinado e Precito as noções de indivíduo e de casualidade, talvez evocadas pelo termo “novela” – se considerarmos por novela um gênero nascido com vistas a uma sociedade fechada, que começa a desenvolver a noção de individualismo e “a moderna consciência de si” (AUERBACH, 2013, p. 30).

A fim de apontarmos outros caminhos possíveis à volta do gênero da *História do Predestinado*, partiremos da configuração alegórica da obra, cuja invenção baseia-se na recorrente metáfora da vida enquanto peregrinação. Do grego *allós* (outro) e *agourein* (falar), a alegoria abarca pelo menos dois sentidos, o de elocução e o de interpretação, que correspondem respectivamente à “alegoria dos poetas”, de ordem retórica, e à “alegoria dos teólogos”, de ordem hermenêutica (HANSEN, 2006a). Assim, procuraremos inserir a discussão acerca da parábola e da história no bojo desses dois amplos sentidos, observando como a obra se comporta no Seiscentos ibérico.

## O DELEITE DA PINTURA NARRADA

No sentido de tropo ornamental do discurso, temos a difundida noção, provinda de Quintiliano, de alegoria como “metáfora continuada”. Assim a definem, por exemplo, Bluteau (1728) e Granada (1770). Aristotelicamente, a metáfora difere-se do símile pela relação de identidade, não de mera semelhança, entre os termos da comparação devido à ausência de conjunção comparativa: “sempre que se diz ‘lançou-se como um leão’, é um símile; mas quando se diz ‘ele lançou-se um leão’ é uma metáfora” (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 4, 1406b). Ainda no livro III da *Retórica*, Aristóteles atribui à metáfora maior potencialidade de elegância no discurso, visto que, menos extensa do que o símile, pode proporcionar um conhecimento mais rápido – condição importante à agradabilidade. Quando adequada ao objeto e quando representa uma ação, a metáfora pode desenganar o ouvinte, trazer o objeto diante dos olhos e contribuir para a clareza, “virtude suprema da expressão enunciativa” (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 2, 1404b). Com isso, observamos, em linhas gerais, a metáfora atrelada à construção de um artifício retórico

conciso, que parte de uma lógica comparativa entre conceitos, a serviço de um discurso agradável, claro, visual e “enérgico”, isto é, que se apresenta de maneira vívida aos olhos do público, conforme os conceitos retórico-poéticos de *enargeia* e *evidentia* (LAUSBERG, 2004).

A retórica clássica estabelece a extensão como critério principal de diferenciação entre alegoria e metáfora; esta a nível do léxico, aquela a nível da sentença – diferença mantida entre os séculos XVII e XVIII (Augusto, 2010). Assim como um termo metafórico substitui um termo próprio, a alegoria enquanto ornamento implica a ampla relação entre dois sentidos, o próprio e o figurado, referindo-se “a um significado *in absentia*” (HANSEN, 2006a, p. 36). Obedecendo ao ângulo de visualização, estabelecido pelo *ut pictura poesis*, o emprego da alegoria pode variar em dois graus, do mais ao menos hermético, como citam Hansen (2006a) e Lausberg (2004): *tota allegoria* ou enigma, quando não há “nenhuma marca lexical do sentido próprio representado” (HANSEN, 2006a, p. 54); e *permixta apertis allegoria* ou alegoria imperfeita, quando “a mistura do próprio e do figurado está a serviço da clareza e, por isso, é tida como mais didática” (HANSEN, 2006a, p. 66).

Em prol da clareza do discurso, a perspectiva de base aristotélica aconselha o uso da alegoria em seu segundo grau, que oferece pistas ao leitor/ouvinte do sentido próprio configurado alegoricamente, considerando incoerência ou *mala affectatio* a sucessão de metáforas díspares. Contudo, no século XVII, período chamado amiúde de “Barroco”, observa-se, em geral, a inversão do preceito de “usar metáforas provindas não de coisas muito afastadas, mas de coisas semelhantes e do mesmo gênero e da mesma espécie do termo usado” (ARISTÓTELES, *Retórica*, III, 2, 1405a). Exemplo disso é a difundida definição de Gracián (1669), em *Agudeza y arte de ingenio*, acerca do *concepto* como “primorosa concordancia, en una harmonica correlacion entre **dos, o tres cognoscibles extremos** expressada, por un acto del entendimiento” (GRACIÁN, 1669, p. 7, grifos nossos). Em vista disso, ao contrário da defesa à clareza, de grande sutileza é considerado o orador que consegue

corresponder conceitos extremos, bem como a audiência que consegue desvendar tais agudezas.

Fonte de invenção do discurso agudo, a metáfora “barroca” é, segundo Hansen (2004), sobretudo pictórica, fazendo do conceito uma “definição ilustrada”. Com efeito, de acordo com Muhana (1997), desde o século XVI sobejam exemplos de descrições detalhadas e acumulações pormenorizadas que se desdobram em retratos, etopeias, topografias, quadros, prosopografias etc. Com maior recorrência, a éfrase, “à imitação duma pintura, que não tem lugar de chegada, nem de partida” (MUHANA, 1997, p. 291), incorpora-se à narração e atesta o tempo presente compartilhado aos olhos do leitor/ouvinte – agora também espectador.

Assim, a comparação horaciana entre pintura e poesia, *ut pictura poesis*, ganha renovada dimensão e roupagem no tratado de Manuel Pires de Almeida, *Poesia, e Pintura, ou Pintura, e Poesia*, de 1633. Estando o pincel para a pena, o rascunho para a invenção, a composição para a disposição e a cor para a locução, a comparação entre poesia e pintura beira nele à homologia (Muhana, 2002). Tanto o pintor quanto o poeta, como ressalta Hansen (2006b), devem pintar e narrar conforme as distâncias do espectador e leitor/ouvinte e do decoro exigido pelo gênero.

Ainda segundo Hansen (2006b), os jesuítas, incluindo Gusmão, também exploraram as potencialidades da imagem na propagação da doutrina cristã – *ut theologia pictura* ou *ut theologia poesis*. Num tempo onde substância e palavra não se separam, ou, modernamente falando, significante e significado não se relacionam de forma arbitrária, o ornamento é trabalhado como “possibilidade de tornar visível a Ideia” (Hansen, 2006b, p. 113). Em suma, a mistura entre *res* e *verba* evidencia o objeto à frente dos olhos do espectador – *ante oculos ponere* –, deleita-o e, assim, torna-se “o modo mais persuasivo de apresentar o semelhante” (MUHANA, 1997, p. 304). Nesse sentido, a amplificação é ponto chave à procura seiscentista em disfarçar o amargor da verdade e a aspereza do ensino com a doçura do deleite. Prenunciava Granada em 1576, ano da primeira impressão da *Retórica Eclesiástica*: “Pues por este medio abrimos camino para mover las passio-

nes, persuadir, disuadir, alabar, o vituperar, porque para estas tres cosas principalmente conduce la razon de amplificar” (GRANADA, 1770, p. 143).

A *História do Predestinado*, por conseguinte, emerge em um contexto de valorização da metáfora e de exploração de recursos que misturam *res* e *verba*, propiciando o deleite dos leitores/ouvintes. Provas disso são os emblemas minuciosamente descritos que compõem e alongam o caminho de *Predestinado*, cumprindo as vezes do pincel. Contudo, o ângulo de visualização de um público-alvo iniciante nos dogmas católicos e na leitura impede o uso de metáforas agudas, herméticas, só desvendadas por discretos. Assim, a ordem natural dos acontecimentos, *ordo naturalis* (LAUSBERG, 2004), e a clareza fizeram-se necessárias a Gusmão, bem como a escolha de um gênero precipuamente didático, como o é a parábola, espécie de alegoria imperfeita ou *permixta apertis allegoria* (HANSEN, 2006a).

No prólogo da *História do Predestinado*, Gusmão justifica o uso da parábola “tanto para mover a curiosidade do leitor, como para imitar o aflito de Cristo nosso Mestre e Senhor, do qual diz o Evangelista que nunca jamais pregava ao povo senão debaixo de alguma parábola, como que explicava a verdade de sua doutrina” (MASSIMI, 2012, p. 59; GUSMÃO, 1682). Daí a pregação de Cristo servir de modelo máximo à composição do jesuíta, haja vista seu interesse pela vida do messias, presente desde a primeira obra, *Escola de Belém, Jesus nascido no Presépio* (1678), acerca do nascimento do menino Jesus, até a póstuma, *Árvore da vida, Jesus crucificado* (1734), da paixão e morte de Cristo. Imitar a Cristo era, na verdade, tópica recorrente à época, intitulado a obra de Tomás de Kempis, *De imitatione Christi*, em que “uma alma se desprende do mundo para conversar com Jesus e melhor se abrir ao ‘amor, único meio de fazer leve o que é pesado’” (DELU-MEAU, 1983, p. 141).

As parábolas neotestamentárias, comparações curtas com agentes humanos genéricos não nomeados (Sant’Anna, 2010), aparecem em prol daqueles a quem não “foi dado conhecer os mistérios do Reino dos Céus” (Mt 13, 10), sendo assim utilizadas como recurso

argumentativo, ilustração clara e didática da doutrina para que até os mais vulgos a entendessem. Com efeito, segundo Francis Bacon (2007[1605]), empregam-se parábolas e similitudes quando há assimetria de conhecimento entre o que quer convencer e o que será (ou não) convencido, e quando não há possibilidade de persuasão a partir de argumentos puramente lógicos. Considerando o ângulo de visualização do público-alvo da *História do Predestinado*, propícia então é a escolha de Gusmão por um gênero que imite a Cristo, tendo em vista a transmissão da doutrina católica e contrarreformista, que só poderia ser entendida pela audiência através do deleite e da moção da curiosidade.

No Seiscentos, Pires de Almeida menciona a parábola entre os gêneros que misturam poesia e pintura: apesar de compartilhar da obscuridade do enigma, a parábola atenua-a num “crepúsculo da manhã ou da noite” (MUHANA, 2002, p.150). Enquanto o provérbio é da extensão de uma breve sentença, ela “propõe-se como narração mais longa” (p. 151), cuja escuridão provém essencialmente da matéria, não da forma. Enquanto o apólogo narra “coisas impossíveis, como colóquios de feras e animais” (p. 151), a parábola imita coisas que poderiam acontecer, contrariando a verdade particular da história, uma vez que “é narração de coisa fingida, quase feita, narrada para coisa futura” (p. 151).

Pelo emprego de agentes humanos e pelo respaldo no Novo Testamento, diferentemente do apólogo, a parábola é tida como mais grave também por Gracián (1669). Em *Agudeza y arte de ingenio*, o insigne jesuíta espanhol define-a como uma composição por ficção, espécie de agudeza composta em que os conceitos se unem “para componer un todo artificioso mental” (GRACIÁN, 1699, p. 299). Muito adequada ao ensino, é comparada a uma “pintura narrada, que representa el intento, que se pretende” (GRACIÁN, 1669, p. 335).

A aproximação da parábola a gêneros agudos e fingidos, mistos de pintura e poesia, parece sintomática num período de valorização da metáfora engenhosa e de reciclagem do *ut pictura poesis*. Queremos dizer, com isso, que a mudança no tratamento da metáfora

parece acarretar uma nova roupagem à parábola em Pires de Almeida (MUHANA, 2002) e Gracián (1669). Da predicação nas Sagradas Escrituras, ela é acompanhada no Seiscentos de pincéis, penas, cores e ornatos: é “pintura narrada” que, visando ao proveito (*prodesse*), não deixa de deleitar com a agudeza dos conceitos.

Na esteira disso, a *História do Predestinado*, produzida no Seiscentos e adaptada ao ângulo de visualização dos leitores/ouvintes, faz uso, a nível ornamental, de uma grande alegoria porque composta de uma sucessão de metáforas, baseadas na vida enquanto peregrinação. Alegoria clara, imperfeita para poder ser compreendida por um público iniciante no catolicismo e na prática da leitura, configura-se em parábola, recurso argumentativo, predominantemente neotestamentário, de ilustração da doutrina. A brevidade do gênero, contudo, escapa aos caminhos de Predestinado e de Precito, estendidos por seis etapas. A causa, acreditamos, pode estar justamente na parábola seiscentista como “pintura narrada”, expandida em sequências de emblemas que pintam, ornamentam e amplificam virtudes e vícios, em conformidade, portanto, com o gênero retórico epidítico – afinal, a retórica, entrecruzada à poética, é indispensável a composições anteriores à Modernidade (CURTIUS, 1996).

Embora nos pareça incomum o prazer da leitura de uma obra como a *História do Predestinado*, é importante enfatizar que pormenorizações e ornamentos retóricos, se hoje podem nos causar enfado, no Seiscentos eram motivo de grande deleite. O *delectare*, inclusive, era almejado pelos mais diversos textos religiosos, como vidas, crônicas, sermões e hagiografias, junto ao ensinamento (MAERKI, 2019). Assim, quando, conforme excerto citado em outro artigo (De Martini, 2019), Predestinado aprende no quarto de Lição que não se deve perder o tempo com “novelas”, no sentido de leituras puramente deleitosas – ou, para usar expressão presente em textos entre os séculos XVI e XVIII, leitura de “passatempo” (MAERKI, 2019) –, Gusmão não rechaça o *delectare*, mas sim o subordina ao *prodesse*. Ou seja, o fiel pode ler textos que lhe proporcionam prazer, mas este prazer deve ser acompanhado de instrução, deve ter sua utilidade à edificação da alma.

A parábola, enquanto gênero didático, método de conversão cristã e misto seiscentista de poesia e pintura, coaduna satisfatoriamente o deleite e o ensino, firmando-se como leitura de “proveito”. Ainda assim, trata-se de uma narração fingida, pois inventada, o que nos leva a perguntarmos como pode ter a *História do Predestinado*, em seu título, o termo “história”, que se reporta, sobretudo, à diferença aristotélica entre história e poesia. Para a *Poética* de Aristóteles, o historiador relata o que aconteceu, comprometido com a verdade particular e casual dos fatos passados; o poeta, em contrapartida, preocupa-se com o que poderia acontecer, com a verossimilhança necessária e universal, por isso próxima à filosofia. Aproveitada pelas preceptivas seiscentistas, segundo Muhana (1997, p. 45), “a distinção, portanto, impõe-se entre o particular desordenado e literal da história e o universal unitário e figurado da poesia”. A poesia, ao imitar a natureza, não copia suas imperfeições, mas sim “suas leis, princípios, proporções” (Muhana, 1997, p. 40), chegando até a melhorá-la. Além do título, no prólogo Gusmão reforça que se trata também de uma história. Acreditamos que respostas possíveis possam ser vislumbradas no que concerne ao outro sentido da alegoria, vinculado à tradição exegética das Escrituras.

## O ENSINAMENTO DA PARÁBOLA FINGIDA, E VERDADEIRA

Whitman (2000) ressalta a importância da interpretação alegórica, desde a Antiguidade greco-romana, à tentativa de tornar familiares textos estranhos ou obscuros. Os filósofos gregos, entre os séculos VI e VII a.C., lançaram mão de recursos interpretativos a fim de conferirem “racionalidade” às obras de Homero e Hesíodo; recursos adaptados à escritura judaica por judeus helenizados, especialmente por Filon de Alexandria (c. 25 a.C. – 50 d.C.). Posteriormente, os métodos exegéticos de Filon foram estendidos à Bíblia cristã pela Escola de Alexandria, cujos maiores expoentes talvez tenham sido Clemente (150-215?) e Orígenes (c. 185-254). Este último elaborou uma hermenêutica bíblica, influente na Idade Média, baseada em três níveis: evangelho eterno, evangelho temporal e lei (DE MARTINI, 2011).

Consoante Whitman (2000), enquanto os alexandrinos não atentaram demasiado ao sentido literal ou histórico dos textos, cristãos como Paulo e os da Escola de Antioquia promoveram um método exegético que o preservaria. Trata-se da interpretação figural, consagrada pelo estudo de Auerbach (1997) e demonstrada, por exemplo, na Epístola aos Gálatas, quando Paulo vislumbra na serva e na mulher de Abraão, Agar e Sara, figuras respectivas da Antiga e da Nova Alianças. Assim, o Velho Testamento foi considerado como “sombra das coisas futuras” (AUERBACH, 1997, p. 44), e a trajetória do povo de Israel, como espécie de preparação à vinda de Cristo – o que não invalida o caráter histórico e factual dos acontecimentos anteriores ao Novo Testamento. Agar continua sendo Agar; Sara continua sendo Sara; Moisés, apesar de prefigurar Cristo, continua sendo Moisés. Afinal, “os dois polos da figura estão separados no tempo, mas ambos, sendo acontecimentos ou figuras reais, estão dentro do tempo, dentro da corrente da vida histórica” (AUERBACH, 1997, p. 46). Na esteira disso, a tradição exegética atribui à alegoria o valor de interpretação figural.

Durante o medievo, a divisão quadripartida dos sentidos das Escrituras obteve maior popularidade. Sua origem remonta provavelmente a Cassiano (c. 370-435), quem primeiro dividiu a exegese bíblica entre *historica interpretatio* e *spiritualis intelligentia*, isto é, entre sentido literal ou histórico e sentido espiritual, compreendendo o sentido espiritual em três: sentido alegórico ou tipológico, referente à interpretação figural; sentido tropológico ou moral, relativo à ascese da alma; sentido anagógico, no que tange à escatologia e, por conseguinte, aos tempos futuros (DE MARTINI, 2011). Whitman (2000) fornece como exemplo o Êxodo: historicamente, o episódio permanece como a saída dos judeus do Egito; alegoricamente, figura a redenção de Cristo; moralmente, trata da conversão da alma à graça; anagógicamente, abarca a passagem da alma à glória eterna.

Contudo, desde o século XII houve “uma tendência de dar maior importância ao sentido literal” (DE MARTINI, 2011, p. 173) e uma crítica a análises que muito se distanciassem do sentido histórico das Escrituras. Sob

essa perspectiva, importante é a afirmação de Tomás de Aquino (1225-1274), retomado pela Neoescolástica e de grande influência ao Seiscentos, de que o sentido literal constitui a fonte de argumentação exegética e de que, na Bíblia, “não há nada de necessário à fé, contido no sentido espiritual, que ela não explique manifestamente, alhures, no sentido literal” (AQUINO, *Suma Teológica*, Quest. I, art. X).

Minnis (2000), ao destacar em Aquino a primazia do sentido literal, elenca algumas produções coevas ao dominicano que talvez possam tê-lo influenciado. Entre elas, está a *Summa theologiae*, também chamada de *Summa Alexandri* por ser atribuída a Alexandre de Hales (c. 1185-1245), em que se desenvolve a teoria do *multiplex modus*, partindo da diferenciação entre a ciência humana e a Bíblia. Enquanto aquela, a ciência, operaria sobre o intelecto, esta atingiria as afeições do fiel, movendo-lhe o *pathos* de diferentes maneiras, como preceitos, exemplos, ameaças, promessas e exortações.

Semelhantes considerações encontramos em Boaventura (c. 1221-1274) e em seu *Breviloquium*, quando aborda não só os quatro sentidos da Bíblia, mas também seus diversos modos. Visto que algumas pessoas se movem por preceitos ou repreensões, ao passo que outras por promessas ou admoestações, a diversidade das inclinações dos fiéis levaria a modos diversos de transmissão da doutrina (Boaventura, *Brevilóquio*, Prólogo, art. 5). Assim, a razão divina, única autoridade sem possibilidade de contestação, adaptar-se-ia à razão dos homens, lançando mão de muitas maneiras de convencimento (MINNIS, 2000).

No encaço da exegese agostiniana, Aquino tributa o conhecimento humano, em primeira instância, ao sensível. Se somente a partir dos sentidos chega-se ao inteligível, o uso de similitudes, próprio da poética, torna-se válido às Sagradas Escrituras, sobretudo por possibilitar o entendimento dos rudes e o exercício dos sábios. À medida que a poética, contudo, emprega metáforas por deleite, a Bíblia as empregaria por necessidade e utilidade (AQUINO, *Suma Teológica*, Quest. I, art. IX).

Em geral, o raciocínio do dominicano baseia-se na diferença entre palavras e coisas: as palavras, atreladas ao sentido literal ou histórico, têm por *auctores* os homens, enquanto as coisas, ligadas ao sentido espiritual, têm por *auctor* a Deus. Assim, as palavras da Bíblia, escritas por Deus sob construções verbais humanas, remeteriam a coisas, que, por sua vez, poderiam ser signos de outras coisas. Assim, a multiplicidade de sentidos (literal, alegórico, moral e anagógico) não contraria a inteligência de Deus, que “tudo compreende simultaneamente” (AQUINO, *Suma Teológica*, Quest. I, art. X), nem geraria equívocos. Por a cadeia de significações iniciar nas palavras, Aquino fundamenta-se, por isso, no sentido literal.

Segundo Hansen (2006a, p. 122), Aquino inova ao “excluir o sentido figurado – metafórico ou alegórico – do sentido espiritual”. O sentido alegórico como parte do espiritual, para Aquino, refere-se à alegoria factual, isto é, à interpretação figural abordada por Auerbach (1997). Já a nível verbal, o sentido alegórico ou figurado se relaciona ao sentido parabólico, *sensus parabolicus*, disposto quando as Sagradas Escrituras apresentam palavras que não estão em seu uso próprio. Nesse caso, o sentido literal não se relacionaria diretamente com o que se lê, mas sim com o que de maneira figurada se remete. Em outros termos: “quando a Escritura se refere ao braço de Deus, o sentido literal não é que, em Deus, há esse membro corpóreo, mas o que é por tal membro significado, i. é., a virtude operativa” (AQUINO, *Suma Teológica*, Quest. I, art. X).

A alternância entre *verbum* próprio e figurado, para o dominicano, não se daria ao acaso ou bel-prazer, mas sim à necessidade de que todos, até os mais rudes, entendessem; ao passo que os sábios exercitassem leituras profundas dos múltiplos modos e dos quatro sentidos da Bíblia. Como mencionamos *en passant*, Aquino foi personagem de suma importância à Neoescolástica do Seiscentos, sobretudo no contexto de resposta ao protestantismo, o qual, ao defender a leitura individual e literal da Bíblia, enjeitou a intermediação da Igreja na exegese das Escrituras – rejeição seguida pelos românticos no século XIX (MINNIS, 2000).

Considerando os múltiplos modos e os quatro sentidos bíblicos atribuídos pela tradição exegética, talvez Gusmão, ao classificar sua obra como “parábola”, esteja remetendo o leitor/ouvinte ao *sensus parabolicus* de Tomás de Aquino, verdadeira – e portanto histórica – porque significa a doutrina, mesmo expressa de outro modo. No proêmio, momento em que o orador deve, segundo Barthes (1993), criar intimidade com o público, Gusmão declara: “O que nos importa é caminhar para a nossa pátria, saber os caminhos e procurar a entrada, para o que nos servirá de guia o exemplo da história, ou parábola seguinte” (MASSIMI, 2012, p. 59; GUSMÃO, 1682). Parábola, extensa pintura fingida que imita a Cristo e ilustra a doutrina, é também verdadeira por representar, de forma figurada, o caminho de todos os seres humanos, divididos entre os que se salvam ou se condenam. Além disso, a *História do Predestinado* dialoga com o *exemplum*, muito comum ao medievo em coleções que reuniam pequenos “exemplos de méritos e deméritos humanos” (CURTIUS, 1996, p. 97); no caso, os méritos do peregrino e os deméritos do desterrado. Sob chave contrarreformista, a história de Predestinado funcionaria como guia dos passos que deve o fiel trilhar em vida terrena, obediente aos ditames católicos e à manutenção do corpo místico. Já a história de Precito, igualmente verdadeira aos olhos católicos ibéricos seiscentistas, funcionaria como um contraexemplo a não ser seguido.

Na conclusão da *História do Predestinado*, Gusmão, mais uma vez, enfatiza a veracidade da parábola dos caminhos de Predestinado e Precito:

Agora te pergunto a ti, que isto lê: isto que em parábola te represento não é o que na **verdade** se passa entre nós? Não é **verdade** que todos somos irmãos, filhos todos do mesmo Pai, que é Deus? Não é **certo** que todos nesta vida e enquanto nela vivemos ou como Peregrinos ou como desterrados, e que a nossa pátria é o Céu e a Terra desterro? Não é de Fé que todos nós, que somos peregrinos, uns são Precitos, outros Predestinados? Caim e mais Abel não foram ambos irmãos, ambos Peregrinos, um Precito, outro Predestinado? Jacó e Esaú

não foram irmãos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, não foi Jacó Predestinado, e não foi Precito Esaú. (*sic*) Não diz Cristo no Evangelho que de dois que se acharem no campo ao tempo de juízo um se há de salvar, outro se há de condenar? Não é o que se salva Predestinado, não é o que se perde Precito? (MASSIMI, 2012, p. 198; GUSMÃO, 1682, grifos nossos)

Quando, no excerto acima, Gusmão se dirige diretamente ao leitor/ouvinte e declara a veracidade de sua parábola, talvez se refira à verdade de seu sentido literal figurado, que não diz respeito aos ornamentos fingidos dos palácios, jardins e chafarizes que Predestinado visita, mas sim aos significados da história – o mundo como desterro, a salvação e a condenação baseadas nas ações feitas em vida, a mediação da Igreja na salvação das almas, a importância dos sacramentos e da obediência aos preceitos católicos, a busca pela perfeição espiritual para se chegar ao céu. Reiteramos: se seu sentido literal ou histórico é, portanto, a verdade do sentido figurado, a denominação de “história” é válida à obra de Gusmão, abarcando pelo menos duas noções: a de narrativa, implicada pela denominação genérica de “história”, comum às ficções em prosa do Seiscentos (Muhana, 1997); e a de verdade, porque remete à verdade da doutrina, autorizada pela Igreja (DE MARTINI, 2019).

Sendo a parábola de Predestinado e Precito o sentido literal, podemos vislumbrar o sentido espiritual, ligado às coisas e a Deus, de forma indireta. No excerto acima, Gusmão indica outras referências de sua invenção, a oposição entre Caim e Abel, e Jacó e Esaú. Não poderíamos considerá-los figuras de Precito e Predestinado, visto não se tratar de um sentido profético histórico, em que as personagens bíblicas funcionariam como “molde” aos irmãos da *História do Predestinado* e aos leitores/ouvintes da obra. Funcionam, isso sim, como modelos exemplares aos tipos do vicioso e do virtuoso, bem como Cristo à trajetória de Predestinado, que o imita nas ações e nos lugares por onde passa.

Abel, Jacó e Cristo parecem mais desempenhar modelos tropológicos do que necessariamente figurais a Pre-

destinado e, por extensão, ao público-alvo. Na esteira disso, as ações do peregrino, espelhadas na Bíblia, espelham ao fiel, por sua vez, os hábitos que deve adquirir para chegar ao céu: manter sempre à memória a lembrança da salvação e da condenação; realizar todos os sacramentos; obedecer à Igreja e aos mandamentos; penitenciar-se; cultivar na alma os frutos das virtudes. Tais hábitos, ou a falta deles, levariam o peregrino ou o desterrado à salvação ou à condenação eternas – sentido anagógico.

Em suma, ao passo que a narração fingida da parábola, como vimos na seção anterior, proporcionaria o deleite àqueles sem acesso direto à doutrina católica e contrar-reformista, a verdade da doutrina, exposta de outro modo pelo *sensus parabolicus*, concede à obra o estatuto de “história”, nela residindo o ensinamento moral e anagógico à salvação das almas dos fiéis. O *prodesse*, portanto, incorporar-se-ia à função de guia prático no ordenamento das vidas terrestres dos leitores/ouvintes, objetivo talvez primordial a Gusmão à época de composição da obra.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de hoje podermos agrupar, anacronicamente, a *História do Predestinado* entre obras classificadas como “novelas alegóricas”, preferimos, neste trabalho, privilegiar as designações próprias de Alexandre de Gusmão. Acreditamos que “parábola” e “história”, termos usados pelo jesuíta, possam indicar caminhos alternativos às encruzilhadas que a *História do Predestinado* oferece ao leitor dos dias de hoje. Devido ao engendramento alegórico da invenção, disposição e elocução da obra, partimos das noções de alegoria enquanto ornamento e exegese bíblica. Ao pintar e amplificar vícios e virtudes do gênero retórico epidítico, a parábola, espécie de alegoria imperfeita e didática, serve à imitação da pregação de Cristo, modelo máximo a Gusmão. Ademais, permite o deleite do público-alvo, cujo ângulo de visualização é distante devido ao pouco conhecimento da doutrina e da prática de leitura. Em meio a um contexto seiscentista de valorização da metáfora aguda e pictórica como base da invenção, a *História do Predestinado* estende sua parábola em descrições, écfrases e

pormenorizações que aproximam a pena do pincel, tornando-a “pintura narrada”.

Além das flores do ornamento, deleitosas e fingidas, observamos que a obra alia os frutos do ensino com a verdade do *sensus parabolicus* de Tomás de Aquino. A doutrina, dita de outro modo para que todos possam apreendê-la e imitá-la, é verdadeira e, por isso, também chamada de história. Como guia prático à ordenação da vida dos fiéis, a *História do Predestinado* apresenta, por meio do caminho de Predestinado, os hábitos que devem ser seguidos em vida – sentido moral ou tropológico –, em direção à salvação eterna da alma – sentido anagógico. Tudo contraposto a Precito, infiel desordenador do corpo místico estatal e eclesiástico, que mal tem espaço na obra. Tudo, enfim, com vistas aos dois principais objetivos retóricos: *prodesse* e *delectare*.

## NOTAS

1 Trata-se do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*: “Porque é para todos liberal, verdadeiro, cortês, afável, desinteressado, magnânimo, prudente, atento às ações, no ânimo constante, sempre no semblante igual: sendo um epílogo de todas as virtudes espirituais, e morais; como publica o remontado eco, clarim sonoro de suas relevantes prendas, por todo o mundo: já pela grande fama de insigne Orador, já por Mestre jubilado, e Escritor doutíssimo: unindo-se à nobreza de seu preclaro nascimento, com o perfeito estado de melhor Religioso” (Pereira, 1728, p. 65).

2 Alexandre de Gusmão foi preceptor de dois importantes nomes da época; convém lembrá-los para que não se confundam: Bartolomeu de Gusmão (1658-1724) e Alexandre de Gusmão (1695-1753).

3 Sobre a vida e obra de Gusmão, a tese de César Augusto Martins Miranda de Freitas (2011), *Alexandre de Gusmão: da literatura jesuíta de intervenção social*, apresenta dados biográficos pormenorizados.

4 Doravante, para nos referirmos à *História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito*, utilizaremos somente *História do Predestinado*, a fim de facilitar a leitura.

5 Encontramos menção ao jesuíta e à “novela”, por exemplo, em *A literatura no Brasil*, cuja organização é tributária a Afrânio Coutinho (1986), e em *História da Literatura Brasileira*, de Mas-saud Moisés (1990).

6 Além da edição atualizada da *História do Predestinado*, ressaltamos os artigos: “História do Predestinado Peregrino e de seu

irmão Precito (1685): os jesuítas como transmissores de saberes no Brasil Colonial”, de 2013, e “*Quomodo legis? A leitura à luz do método inaciano na novela do jesuíta Alexandre de Gusmão: História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito (1682)*”, de 2014.

7 Dentre elas, destacamos as dissertações de Harrison Martins Saraiva (2013) e de Cecília Fischer (2014) e as teses de Maria Micaela Dias Pereira Ramon Moreira (2006) e Sara Augusto (2010). Não podemos deixar de destacar também os artigos de Zulmira Santos (2004) e De Martini (2019), que mencionaremos ainda neste texto.

8 Segundo Serafim Leite (1993), além de reedições em português, a obra em questão teria tido ainda duas edições em espanhol: uma em Barcelona e outra no México.

9 “Acho, porém, que já me alonguei bastante acerca dos grandes e difíceis problemas das origens do Mundo, da alma e do próprio gênero humano, que separamos em dois grupos: o dos que vivem como ao homem apraz e o dos que vivem como apraz a Deus” (Agostinho, XV, I).

10 “Na qual, debaixo de uma misteriosa parábola, se descreve o sucesso feliz do que se há de salvar e a infeliz sorte do que se há de condenar” (Massimi, 2012, p. 57; Gusmão, 1682).

11 No prólogo: “Vem a ser em Parábola a história de todo aquele que seguindo os passos que nesta vida leva, se seguindo o caminho que tomou: ou se salva, ou se condena” (Massimi, 2012, p. 58; Gusmão, 1682). No epílogo: “Agora te pergunto a ti, que isto lês: isto que em parábola te represento não é o que na verdade se passa entre nós?” (Massimi, 2012, p. 198; Gusmão, 1682).

12 Aristóteles divide a retórica, arte da persuasão, em três gêneros: deliberativo, voltado ao futuro, com vistas ao conselho ou à dissuasão; judicial, voltado ao passado, com vistas à acusação ou à defesa; por fim, epidítico, cujo tempo principal é o presente, ao louvor e à censura. Em termos latinos, respectivamente, temos o gênero político, o forense e o demonstrativo.

13 “[Predestinado] Entrou primeiro em casa de Lição, que aplicada toda a um livro espiritual habitava em uma formosa livraria toda de livros sagrados, devotos e honestos, e nenhum só livro de comédias ou novelas se achava ali, porque semelhantes livros se não devem achar nas livrarias de Nazaré, quero dizer nas mãos dos que vivem pia e religiosamente. E, para que os Peregrinos que ali entrassem soubessem como haviam de tratar e ter os livros daquela livraria, estavam por cima escritas as palavras de Cristo, *Quomodo legis? De que sorte lês? Lês para proveito ou para passatempo? Se para passatempo, tempo perdido será; se para proveito, será grande o que da lição espiritual tirarás, porque, como diz Santo Agostinho, a lição espiritual nos ensina a aborrecer o terreno e a amar o celestial*” (MASSIMI, 2012, p. 88; GUSMÃO, 1682).

14 A maioria dos lugares percorridos por Predestinado são os mesmos que Cristo percorre no Novo Testamento – a saber, Be-

lém, Nazaré, Bethânia, Cafarnaum e Jerusalém. Vários autores observam a imitação de Predestinado do caminho de Cristo; destaque para Santos (2004).

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Trad. J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, v. 2.

AQUINO, Tomás. *Suma Teológica*. Trad. Alexandre Corrêa. 2. ed. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora; Caixas do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1980.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

AUERBACH, Erich. *A Novela no Início do Renascimento*: Itália e França. Trad. Tercio Redondo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

AUERBACH, Erich. *Figura*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

AUGUSTO, Sara. *A alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2010.

BACON, Francis. *O progresso do conhecimento*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BARTHES, Roland. La retórica antigua. In: BARTHES, Roland. *La aventura semiológica*. Trad. Ramón Alcalde. 2. ed. Barcelona: Paidós, 1993.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português & latino*: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 08/03/2019.

BOAVENTURA, São. *Obras escolhidas*. Trad. Luis Alberto De Boni, Jerônimo Jerkovic e Frei Saturnino Schneider. Porto Alegre: Livraria Sulina Edições; Caxias do Sul: Ed. Da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1996.

DE MARTINI, Marcus. *As Chaves do Paraíso*: profecia e alegoria na obra de Padre Antônio Vieira. 2011. 277p. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

DE MARTINI, Marcus. O que a “primeira novela brasileira” pode nos dizer sobre o papel das letras coloniais no estudo de literatura? *Revista USP*, São Paulo, n. 121, p. 79-94, abr./maio/jun. 2019.

- DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1983, v. 1.
- FREITAS, César Augusto Martins Miranda de Freitas. *Alexandre de Gusmão: Da Literatura Jesuíta de Intervenção Social*. 2011. 517p. Tese (Doutorado em Literaturas e Culturas Românicas) – Universidade do Porto, Porto, 2011.
- GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y Arte de Ingenio*. Antuérpia: En casa de Geronymo y Iuanbaut, 1669.
- GRANADA, Luís de. *Los seis libros de la Rhetorica Ecclesiastica*. Barcelona: Imprensa de Juan Jolis, 1770.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Arte de crear bem os Filhos na idade da Puerícia*. Dedicada ao Minino de Belem, JESV Nazareno. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1685.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Arvore da Vida, Jesus Crucificado*. Dedicada à Santíssima Virgem Maria N. Sra. Dolorosa ao Pé da Cruz. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa de Carvalho, 1734a.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Escola de Bethlem, JESVS nascido no Presepio*. Dedicado ao Patriarca S. Ioseph. Evora: Oficina da Universidade, 1678.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Historia do Predestinado Peregrino, e sev irmão Precito*: Em a qual debaxo de huma misteriosa Parabola se descreue o sucesso feliz, do que se ha de saluar, & a infeliz sorte, do que se ha de condenar. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1682.
- GUSMÃO, Alexandre de. *O Corvo e a Pomba da Arca de Noé no sentido Allegorico, e Moral*. Lisboa Occidental: Oficina de Bernardo da Costa, 1734b.
- GUSMÃO, Alexandre de. *Sermão que pregou na Cathedral da Bahia de Todos os Santos*. Nas Exequias do Illustrissimo Senhor D. Fr. Ioam da Madre de Deos, Primeiro Arcebispo da Bahia, que faleceo do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686. Dedicado ao Excellentissimo Senhor D. Antonio Luis de Sousa Tello, e Menezes. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1686.
- HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho*: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Ed. da Universidade de Campinas, 2004.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Hedra; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- HANSEN, João Adolfo. *Ut pictura poesis e verossimilhança na doutrina do conceito no século XVII colonial*. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, n. 2A, p. 111-131, out. 2006.
- HANSEN, João Adolfo. *Ratio Studiorum e Política Católica Ibérica no século XVII*. In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia Spedo (Orgs.). *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 13-42.
- HORACIO. *Satires, Epistles and Ars Poetica*. Trad. H. Rushton Fairclough. Cambridge: Harvard University Press, 1942.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2004.
- LEITE, Serafim. *Breve história da Companhia de Jesus no Brasil: 1549-1760*. Braga, A.I., 1993.
- MAERKI, Thiago. *Ensinar, mover e deleitar: práticas de leitura do texto religioso em Portugal entre os séculos XVI e XVIII*. *Revista Letras (Número especial: Estudos Retóricos e Poéticos)*, Santa Maria, no prelo.
- MASSIMI, Marina. (org.). *A novela História do Predestinado Peregrino e de seu irmão Precito (1682): Compêndio dos saberes antropológicos e psicológicos no Brasil Colonial*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- MINNIS, A. J. *Quadruplex Sensus, Multiplex Modus: Scriptural Sense and Mode in Medieval Scholastic Exegesis*. In: WHITMAN, Jon (Ed.). *Interpretation and Allegory: Antiquity to the Modern Period*. Leiden; Boston: Brill, 2000, p. 231-256.
- MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1990, v. 1.
- MOREIRA, Maria Micaela Dias Pereira Ramon. *A novela alegórica em português dos séculos XVII e XVIII: o Belo ao serviço do Bem*. 422f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade do Minho, Minho, 2006.
- MUHANA, Adma. *A Epopéia em Prosa Seiscentista: uma definição de gênero*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- MUHANA, Adma. *Poesia e Pintura ou Pintura e Poesia: Tratado Seiscentista de Manuel Pires de Almeida*. Trad. João Ângelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2002.
- PEREIRA, Nuno Marques. *Compendio Narrativo do Peregrino da America: em que se tratam varios discursos espirituales, e moraes, com muitas advertencias, e documentos contra os abusos, que se achão introduzidos pela malicia diabolica no Estado do Brasil*. Lisboa Occidental: Na Oficina de Manoel Fernandes da Costa, 1728.
- SANT'ANNA, Marco Antônio Domingues. *O gênero da parábola*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- SANTOS, Zulmira. *Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do "prodesse ac delectare" na História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-1724]*. *Atas do colóquio A Companhia de Jesus na Península Ibérica*. Porto, Ciuhe, 2004, pp. 581-99.
- WHITMAN, Jon. *A retrospective forward: interpretation, allegory, and historical change*. In: WHITMAN, Jon. (ed.). *Interpretation and Allegory: Antiquity to the Modern Period*. Leiden; Boston: Brill, 2000, p. 3-23.

## O AUTOR

**Marcus De Martin** é Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. E-mail: [marcusdemartini@gmail.com](mailto:marcusdemartini@gmail.com). ORCID iD: 0000-0002-9300-4080.

**Isabel Scremin da Silva** é Graduanda em Letras – Bacharelado em Português – na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista PIBIC/CNPq do projeto “Construções da alegoria em narrativas dos séculos XVII e XVIII”, em andamento na mesma instituição. E-mail: [isabelscremin@gmail.com](mailto:isabelscremin@gmail.com). ORCID iD: 0000-0002-3322-5666.